

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

DESTAQUES IPADES

Julho 2107

INTEGRAÇÃO PECUÁRIA-FLORESTA-APICULTURA

Está ocorrendo uma experiência na fazenda Paraná, propriedade com 34 mil hectares no alto da Serra do Roncador, em Mato Grosso, que deve ser alvo da pesquisa agrônômica. Trata-se da integração pecuária-floresta-apicultura, mais um sistema de produção viável às condições tropicais, com resposta econômica e de sustentabilidade, perfeitamente aplicável em áreas alteradas. A espécie florestal utilizada é a Acácia (*Acacia spp*), família Fabaceae tendo como benefícios a fixação nitrogênio e aumento da matéria orgânica no solo, a produção de madeira para móveis ou lenha e transformar folhas em ração para o gado. Um efeito colateral, porém, causou grande expectativa, as acácias atraíram tantas abelhas que a fazenda já projeta faturar mais com a apicultura do que com o gado. Hoje o plantio de Acácia atinge um milhão de árvores.

Apesar de ser um caso único, a Fazenda Paraná reflete uma tendência que vem se consolidando no agronegócio brasileiro: a da integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF). Pesquisa realizada pela consultoria Kleffman Group para a Rede de Fomento ILPF, na safra 2015/2016, mostrou que o sistema já é adotado em 11,5 milhões de hectares – ou 5,5% das áreas sob uso agropecuário no Brasil – com crescimento de quase 20% ao ano, desde 2005. A expectativa é superar os 20% da área total explorada em 2030. “Os benefícios aparecem de todos os lados”, diz Lourival Vilela, pesquisador da Embrapa.

A fazenda Paraná já instalou um processador com capacidade para seis toneladas de mel por dia, de maneira totalmente automatizada. Inspirada num sistema desenvolvido na Finlândia, a máquina que remove o mel dos favos consegue extrair 720 quilos por hora. A intenção é produzir 200 toneladas já em 2018 e atingir a plena capacidade, de 1,4 mil toneladas por ano, entre 2023 e 2025.

Para chegar ao objetivo, as 1,5 mil caixas com colmeias se transformarão em 30 mil, no mesmo período. Serão contratados 50 trabalhadores só para o manejo. Hoje é feitas três colheitas no ano, mas a perspectiva é chegar a quatro. Na Europa, há apenas uma ou duas, por conta do inverno rigoroso. Para tanto, é mantida a flora nativa com floração diferente do período da Acácia, o que é bom para a preservação ambiental.

È uma experiência interessante a ser também buscada para áreas alteradas da Amazônia

NEGÓCIO DA CHINA OU PARA A CHINA?

Segundo pesquisadores que participaram do 6º International Meat Secretariat Economics Workshop, realizado em Paris, de 9 a 12 de maio, o consumo de carne vermelha deve se manter aquecido nos países em desenvolvimento, cm destaque para os da Ásia, que concentram quase 60% da população mundial. No contexto asiático, a China é o país mais importante para o Brasil, que é o maior fornecedor de carne bovina e de frango para os chineses.

No entanto, entender as decisões políticas do governo chinês é sempre um desafio. Um dos pontos principais para os próximos anos da política chinesa é justamente diversificar os países dos quais compra alimentos. Nessa política, o governo chinês está adotando mais duas estratégias. Almeja otimizar a oferta interna de produtos agropecuários, mas também busca construir bases produtivas fora do país. Os chineses já possuem participação na cadeia australiana, começando a atuar na Nova Zelândia.

Em 2015, manifestou interesse na região do MATOPIBA, (sul do Maranhão, Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia) no Brasil, em 2016, através do grupo alimentício Foresun, o país asiático fez grandes investimentos, comprando frigoríficos na América Latina, com destaque para o Uruguai e a Argentina. Esse grupo se propõe, no médio prazo, se tronar o maior provedor de carne bovina do mundo.

Diante desse cenário, concentrar as expectativas de aumento da demanda na China pode ser muito arriscado para o Brasil. Cabe sempre perguntar: a relação comercial do Brasil é um negócio da China ou um negócio para a China? Um exemplo de negócio “para” a China é a preferência chinesa pela importação de soja brasileira em grão, está aí o interesse pelo MATOPIBA. Um negócio “da” China seria, minimamente,

exportar o farelo. E, o melhor dos mundos para o Brasil, é exportar o farelo de soja já convertido em carne de ave e suíno, o que já ocorre.

Com a Operação Carne Fraca, o país asiático impôs as suas regras e elucidou o negócio “para” a China: foi um dos países que mais pressionaram o Brasil em preço após o escândalo, especialmente no valor da tonelada de carne in natura.

ECONOMIA: CONSEGUE MELHORAR MESMO COM A CRISE POLÍTICA

A economia brasileira, após um ano de ajustes, começou a apresentar alguns sinais positivos em alguns indicadores. O mais contundente deles é a inflação, que caiu significativamente nos primeiros nos primeiros meses de 2016. Após ter atingido um patamar superior a 10% em 2015, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA) tem surpreendido positivamente, registrando variações abaixo do esperado. A inflação acumulada em doze meses em abril de 2017 ficou em 4,1%, abaixo da meta de 4,5% para este ano. As indicações são de que a inflação desacelerará ainda mais, devendo fechar o ano abaixo de 4,0%.

Essa queda sofre forte influência da profunda recessão pela qual o país atravessa., com alta taxa de desemprego, acima dos 13%. Com a queda da inflação o Banco Central encontra espaço para reduzir a meta da taxa básica de juros (Selic). Esse quadro abre uma perspectiva favorável para a retomada do consumo e dos investimentos produtivos no médio prazo.

No entanto, os maiores riscos para um cenário que começa a se mostrar mais favorável para a economia brasileira encontra-se atualmente no campo político. A articulação do governo Temer mostrou-se positiva no campo legislativo, aprovando temas sensíveis e essenciais à economia nacional nos últimos meses, como o teto dos gastos e a reforma trabalhista.

Mas as “ondas sísmicas” da política emitidas a partir de 17 de maio com a gravação do empresário Joesly Batista, contra o presidente Temer, e as notícias quase diárias da Operação Lava Jato, colocaram um desafio enorme em termos de coesão no Legislativo para avançar com as reformas.

O atraso na aprovação dessas reformas reforça as incertezas quanto ao futuro da economia brasileira no médio prazo. As incertezas políticas, que só aumentam, afetarão, também, a incipiente recuperação da atividade econômica que tem sido ensaiada nos últimos meses.

A somatória desses elementos indica que os rumos da economia brasileira serão ditados fundamentalmente pelos desdobramentos políticos em Brasília. Nesse ambiente, qualquer cenário é possível, ficando pouco factível estabelecer projeções mais confiáveis nesse momento. Tudo indica que ambiente para um novo rumo da economia brasileira só se estabelecerá a partir das eleições de 2018.

VACINA CONTRA O VIRUS DA ZIKA DEVERÁ SER TESTADA NO BRASIL

Em acordo com Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas (Niaid), dos Estados Unidos, no início deste ano, o Brasil deverá participar dos testes de avaliação da eficácia (fase 2) de uma vacina contra o vírus zika.

Formulada pelas equipes do Niaid e identificada pelo código VRC-ZKAD-NA085-00-VP, a vacina mostrou-se segura e capaz de ativar a produção de anticorpos contra o vírus em modelos animais e nos testes iniciais (fase1) em pessoas saudáveis, não infectadas.

Os testes no país serão coordenados pelos médicos Jorge Kalil e Esper Kallas, professores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP). “Começamos a discutir a participação brasileira há um ano, quando Barney Graham, do Niaid, o inventor dessa vacina, esteve no Brasil”, diz Kalil.

“É uma vacina bastante promissora e segura, que pode ser produzida rapidamente”. Segundo ele, o plano dos testes encontra-se em análise na Comissão de Ética e Pesquisa da FM-USP e, se aprovado, deverá seguir para a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Kalil espera começar os testes no segundo semestre deste ano em um grupo previsto de 120 pessoas. A equipe brasileira pretende refazer os testes da fase 1 para verificar a segurança da vacina em pessoas que já contraíram dengue e participar da segunda etapa de avaliações ao lado de equipes dos Estados Unidos, Porto Rico, Peru, Costa Rica, Panamá e México.

O Pará se faz presente no estudo de combate ao vírus da zika através do Instituto Evandro Chagas (IEC). O IEC é Laboratório de Referência Nacional do MS para o diagnóstico do Zika, além de Centro Colaborador da Organização Mundial de Saúde (OMS) para Arboviroses e Febres Hemorrágicas, e está trabalhando em diversas pesquisas sobre o vírus, inclusive no desenvolvimento de uma vacina juntamente com a University of Texas Medical Branch (UTMB).

O IEC está localizado na rodovia BR-316, km 7 S/N, bairro Levilândia, CEP 67.030-000, Ananindeua-PA.